MPF
mocidade portuguesa feminina

Foto: MARIO LEMOS

Sumário

BOLETIM MENSAL
Preço ao ano 12$00 — Preço avulso 1$00

Obra das Mães pela Educação Nacional
«MOCIDADE PORTUGUESA FEMININA»

Direcção, Administração e Propriedade do Comissariado Nacional da Mocidade Portuguesa Feminina. — Redacção e Administração: Comissariado Nacional da M. P. F., Praça Marquês de Pombal, n.º 8 — Telefone 4 6134 — Directora e Editora: Maria Joana Mendes Leal. — Arranjo gráfico, gravura e impressão da Neogravura, Limitada, T. da Oliveira, à Estrêla, 4 a 10 — Lisboa

BEMDIGAMOS A PAZ

VEM na vida de Santo Agostinho — essa figura mais que extraordinária da história da Igreja e até da história universal — que subindo um dia ao púlpito da sua sé de Hipona (por onde também andou esta guerra de agora) anunciou logo de entrada ao seu auditório que falaria de paz.

E foi tal o contentamento e, digamos, a curiosidade, que os ouvintes se achegaram mais ao púlpito e logo alí deram altos sinais da sua sua alegria.

Tão desejada era há seis longos anos de martírios que, desta vez, a Paz caíu sôbre a terra em fogo e sangue quási sem surpreza e quási sem contentamento...

Mas, chegou a Paz!

A Europa está agora a saboreá-la, e a gente pensa como a gozarão, ainda embora entre dificuldades sem conto, êsses milhões de sacrificados até ao martírio, que esta maldita guerra semeou por tôda a terra, fazendo dela arena e calvário de dores que o coração do homem nunca sofrera.

Isso só é motivo para rezarmos com Salazar: **Bemdigamos a Paz!**

Portugal não foi à guerra e mal experimentou as conseqüências dela.

Nem sabemos bem ao certo o que isso foi de previlégio e milagre...

Não sabemos, não. Acostumamo-nos de tal forma à nossa felicidade, e custou-nos tão poucas dôres de cabeça pensar em evitá-la que ainda está por explicar ao certo tôda a graça desta bênção de Deus.

É que (além de outras motivos) pouco fizemos quási todos por bem a merecer...

Milagre de Fátima...
Milagre de Salazar...

Com Portugal inteiro (e o mundo vencedor fez calhar nesse dia, providencialmente, a sua acção de graças...) que no dia 13 dêste mês florido ajoelhou e agradeceu à Senhora nossa Madrinha — a Padroeira de Fátima:

Bemdigamos a Paz!

E fique dito já também que agradecer e bendizer a paz só o saberão fazer sinceramente as almas que andem em paz...

Esta é a primeira e a mais fundamental condição da Paz: — viver-se em paz dentro de nós mesmos.

Unicamente estes não provocaram, e não fizeram a guerra — e mereceram em justiça e podem agora rezar e cantar:

Bemdigamos a paz!

Ide pensando — raparigas de Portugal — no vosso *ex-voto*. Nem os vossos pais, nem os vossos irmãos, nem os vossos noivos foram à guerra.

Não sei se vós merecestes a paz... Seja como fôr,

bemdizei a Paz.

Bemdizei-a a vosso jeito terno e gentil, com os vossos corações puros e, mais que tudo, com as vossas almas em paz.

O vosso *ex-voto*... Não sei bem como o havereis de pensar e preparar. Em qualque caso, tem de ser à maneira portuguesa, talvez como usam fazer as raparigas da nossa terra que vão às romarias, quando é dia da Senhora da sua devoção...

Não sei como há-de ser o vosso *ex-voto*...

Pensai nisso com o vosso coração e mandai-o dizer ao Comissariado.

Entretanto, sempre joehos, e dia dia a dia melhores de alma, ó mocidade:

Bemdizei a Paz!

G. A.

PENSAMENTOS
Elisabeth Leseur

Já aqui falámos desta grande alma, como modêlo de espôsa cristã. Hoje apenas focarei uma manifestação da sua riqueza moral e intelectual, citando alguns dos seus pensamentos que possam servir de estimulo à nossa briosa Mocidade Portuguesa. São tantos e tão preciosos os que podemos colher nos seus escritos que o difícil é escolher. Enfim, estes talvez incitem a ler os livros (todos parece que estão traduzidos em português), que o marido consagrou à sua memória, e onde cada um encontrará palavras de oiro, que ela nos deixou.

★

«Procurar em seu redor os pobres envergonhados do sofrimento, para lhes dar a esmola do nosso coração, do nosso tempo e do nosso respeito carinhoso».

Eis uma esmola que todos, mesmo sem gastar dinheiro, podemos fazer. Tanta alma se encontra na vida isolada, sem alegrias, sem afeição, vitimas da velhice, umas, de educações falsas, outras; há tantas, que como diz Henri Bordeaux numa das suas obras, trazem punhal invisível, cravado no coração sempre a sangrar! Procuremos conversar com os doridos da vida, repartir com êles a alegria, emprestar-lhes um livro bom, proporcionar-lhes um passeio, etc.

«Revelar Deus sem pronunciar o Seu Nome», forma mais eficaz de apostolado. Não é a massar os que não têm fé, com sermões contínuos, não é a propósito de tudo meter religião na conversa, o modo de convencermos da Verdade, aquêles que a não possuem. Sejamos vasos de cristal puríssimo, deixando entrever Aquêle que em nós vive! Que as pobres almas sem fé O adivinhem ao calor da nossa amizade, as manifestações contínuas da nossa caridade, à paz, à doçura, ao *bom-senso* que irradiem de nós. Não sejamos Freis Tomás, faze o que êle diz, não o que êle faz!

«Cultivar o espírito, aumentar de um modo metódico e sólido os conhecimentos que a nossa inteligência, pode apreender e nunca o fazer superficial e ligeiramente».

Se Deus nos concedeu uma inteligência normal, é dever não descuidar o seu alimento. Procurar, mesmo depois dos anos de estudo, não deixar de a cultivar. E' triste ver raparigas que levaram anos e anos a estudar, depois nunca mais pegar num livro sério; umas deixam tudo, para só lerem livros sem fundo, nem moral, e escritos com «estilo de preto»; outras, porque casam, os deveres de espôsa, de mãe, de dona de casa absorvem-lhes todo o tempo; mas êsses deveres, que deixam livres horas para o cabeleireiro e *manicure*, não deixarão um quarto de hora para não perderem tudo que aprenderam nos anos escolares?

«Que em nós habite alegria verdadeira. Sejamos a cotovia, inimiga da noite, que anuncia a aurora e nos lembra a vinda da luz e da vida. Sejamos despertadoras de almas.»

Eis um pensamento bom para vós, queridas raparigas. Estais na manhã radiosa da vida; quais cotovias alegres espalhais pelo mundo velho e tão cheio de tristeza promessas de sol e de luz.

Para os que descem a montanha da vida, esta terrível guerra destruiu tudo aquilo que eram relíquias de um passado que para nós foi um presente cheio de beleza, quando fomos meninas e moças. Nas vossas mãos está o futuro do após guerra. Como a àvezinha mensageira do dia, anunciai-nos, vós, tempos de paz e de felicidade. Que a vossa mocidade desperte nas almas dolorosas pensamentos de optimismo, de resignação corajosa, essa alegria que é apanágio dos mais velhos; a vossa é feita de esperança!

Não as masso mais. Procurai conhecer de perto Elisabeth Leseur, que não foi dessas santas austeras que vos podem assustar, mas uma santa imitável. Uma senhora que vestia com elegância, «quero-me tornar atraente pela minha toilette», que freqüentou a sociedade, que admirava tudo que há de belo na natureza, na ciência, nas artes, que mostrava sorriso acolhedor a todos, que amava ternamente, marido, irmãos, sobrinhos!

Foi um ideal de vida para tôdas.

V. P.

HISTÓRIAS DA MINHA AVÓ

O CASAMENTO

Ao lembrar os seus vinte anos minha avó entristecia. Quando atingiu essa idade, estava sua mãe muito doente; uma neurastenia — lhe chamaríamos hoje — fê-la sofrer horrìvelmente durante dois anos, ao fim dos quais morreu. Os sobressaltos e aflições passados durante êsse período contribuíram para fortalecer o ânimo de minha avó, que se via só com uma doente e uma senhora de muita idade, que embora tivesse uma saúde de ferro, tinha já perto de cem anos, e seus irmãos andavam sempre por fora. Um deles, o mais velho, tinha casado com uma menina de uma estância próxima e vivia na propriedade de sua mulher. Assim, ela tinha que atender a tudo: à administração, à doente, e à senhora tão vèlhinha, que tinha a mania de que era nova e que tudo podia fazer.

Quando perdeu sua mãe viu a sua vida modificada por completo. Feitas as partilhas, ficou a casa de Buenos Ayres a sua irmã mais velha, que ali vivia sempre; a estância ficou aos dois rapazes, e minha avó herdou a casa de Dolores, aonde se instalou com sua avó e as criadas antigas.

Estranhou muito ao princípio a mudança de vida, e quando chegou a época de ir para a estância, juntou às saüdades da querida desaparecida a tristeza de não ver senão como visita a sua querida estância com os seus campos de trigo e as altas gramíneas floridas das grandes pastagens. Saüdades dos «gaúchos» e dessas famílias que na estância formavam um conjunto com a família, saüdades dos seus doentes e dos vèlhinhos que socorria.

Mas a vida é o que é, e breve organizou a sua existência e se instalou nela com a resignação dos que aceitam a vontade de Deus e com ela se conformam, e também com a facilidade que tem a gente nova de enfrentar o futuro que aparece sempre com uma aura de esperança.

Em Dolores possuía uma linda casa, no estilo colonial espanhol, com um grande e lindo pateo no centro, para onde davam, no rés-do-chão, a cozinha e dependências, despensa, cocheira, e no primeiro andar quartos e salas.

Tinha minha avó uma grande amiga desde sempre, a filha do general Rosas, que contava mais um ano do que ela, e nessa família acolhedora e simpática encontrou a companhia e a afeição de que tôda a rapariga sente necessidade. D. Dolores, a mãe de Merceditas, era uma encantadora senhora, muito inteligente e duma bondade imensa, a quem penalizava o isolamento daquela rapariga de 22 anos, entre criadas e uma senhora que já não fazia companhia porque, com o desgôsto da perda da filha, começara o seu cérebro a falhar e vivia no passado.

D. Dolores e Merceditas foram as suas companheiras de todos os dias, trabalhavam juntas, era com elas que saía a fazer as suas compras e, quando passou o luto, foram elas que a obrigaram a frequentar a sociedade e não tinham em sua casa qualquer reünião a que minha avó não assistisse.

Merceditas, que era muito gentil e muito requestada, aceitou a côrte de um jovem argentino, rico proprietário. As duas raparigas diziam sempre: — «Nunca casaremos com estranjeiros», acrescentando minha avó: «Como fêz minha irmã». Ramona era casada com um italiano.

D. Dolores ria e dizia:

— Cuidado, meninas, olhem que há «gringos» simpáticos.

«Gringos» é o nome que na Argentina dão aos estranjeiros.

O General Rosas gostava muito de dar jantares e para um deles convidou um jovem português que já alguns anos vivia na cidade onde tinha criado uma situação pela sua inteligência, faculdades de trabalho, seriedade e honestidade.

Desgostoso com o segundo casamento de sua mãe, com um rapaz pouco mais velho do que êle, partira para o Brasil e daí para a Argentina sem tenção de voltar a Portugal.

Alto, elegante, cabelo e barba negras, olhos sonhadores e de uma distinção que provava pertencer a boa família, era acolhido na sociedade de Dolores com a afabilidade que merecia.

Nesse jantar a conversa caiu sôbre a beleza feminina e houve alguém que disse que em tôda a mulher formosa há um senão.

O General Rosas, rindo, disse:

— E' verdade, mas para que assim não fôsse era preciso ir buscar a cada mulher o que têm mais bonito, por exemplo, o cabelo de Merceditas e o seu perfeito nariz; os olhos de Carmencita Diaz e a pele e a bôca de Etelvina.

Minha avó tinha uma bôca pequenina e bem feita com uns lábios bem desenhados e uns dentes perfeitíssimos e fortes, que conservou intactos até aos 87 anos, assim como a sua linda pele rosada e assetinada que as rugas respeitaram.

Ao ouvir estas palavras, riu e levantou os olhos, mas viu fixado no seu rosto o olhar do jovem estranjeiro que lhe tinha sido apresentado naquele dia e córou tão intensamente que o General Rosas, disse:

— A côr de Etelvina já me não serve, está vermelha demais e já prejudicaria a beleza que idealizo.

Todos riram, o que aumentou a confusão de minha avó, com grande satisfação do dono da casa que gostava muito de «bromitas», como dizia minha avó, falando dêsse episódio que, pode dizer-se, resolveu o seu destino.

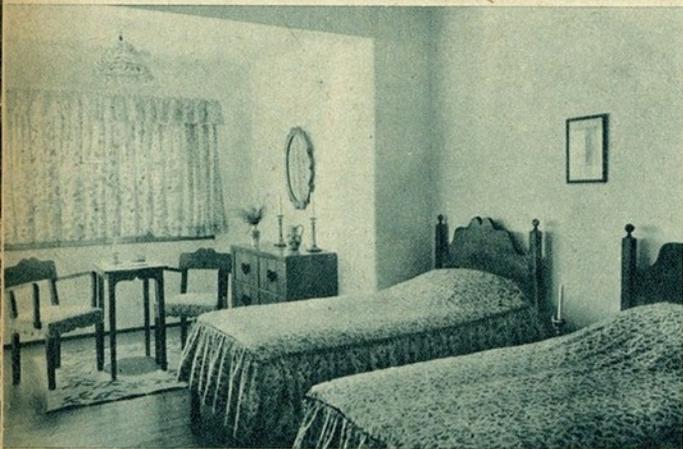
Em roda dessa mesa, que rosas da côr da pele de minha avó enfeitavam, se talhou um casamento que faria mudar em tudo a vida que uma rapariga de 22 anos sonhara no amor ao país em que nascera.

Muitas vezes encontrou os olhos do «gringo» e sem saber porquê se sentia comovida e inquieta. Depois de vários encontros, meu avô, que conhecia a vida socegada daquela enérgica rapariga, propôs-lhe casamento, o que ela aceitou, e um mês depois estavam casados.

Nos países novos não se usam delongas e a situação de minha avó não lhe permitia noivados demorados, pois podia dizer-se que vivia só, porque uma senhora de quási cem anos já não é uma companhia que se imponha.

Apesar da diferença de países e de hábitos, minha avó foi muito feliz no casamento, tanto mais que seu marido estava integrado na vida argentina e na sua casa de Dolores sentia-se muito satisfeita. Quando casou foi a Buenos Ayres apresentar o marido à irmã e sobrinhas, e ainda que a incómoda viagem

(Continua na Pág. 16)

BOM GOSTO, BELEZA DO CONJUNTO

Um interior e um exterior que são modelos de bom gôsto

TODA a gente tem gôsto; mas nem todos possuem o *bom gôsto*. O gôsto pode educar-se e adquirir-se até se tornar *bom gôsto*.

Temos melhor ou pior gôsto conforme o ambiente em que fomos criados, e de que os nossos olhos e a nossa mentalidade se habituaram a gostar e a achar bem. O hábito vulgariza de tal maneira o que nos rodeia, que chega a fazer passar desapercebidas coisas que nos chocariam se fôssem novas.

Algumas pessoas não têm consciência de ter mau gôsto. Outras, porém, mais sensíveis, sentem-no e ficam acanhadas e tímidas, compreendendo instintivamente que a sua pessoa e o seu ambiente chocam por falta de gôsto.

Como todas as coisas, o *bom gôsto* tem duas faces: uma moral e outra material.

Já todas ouvimos na telefonia, aquêle senhor dos domingos sonoros que dizia em voz pausada acentuando todas as sílabas: «Mau gôsto... Muito mau gôsto!» referindo-se quási sempre com muita razão à falta de educação e de elegância moral.

A confirmar estas palavras, apontaremos os artistas, entes excepcionais, que brotam de qualquer meio, sem precisar de condução nem de regras. Fortes da sua personalidade intensa; criadores de novidade, de graça e de forma; com o sentido inapto da harmonia.

Sendo estes a excepção que confirma a regra, todos nós, (os outros,) precisamos de direcção e sobretudo de educação.

Como em quási tudo, a educação serve de base ao bom gôsto.

Mas em que consiste afinal o «bom gôsto»?

O «bom gôsto» é composto de muitas coisas, como por exemplo: tacto, bom senso, senso comum, distinção, sentimento da oportunidade, chic, elegância, simplicidade, personalidade, equilíbrio, harmonia das côres, da forma, do som.

Para sintetizar êste composto diremos que o bom gôsto é a harmonia e o equilíbrio do conjunto.

* * *

Para uma rapariga ou para uma senhora, o gôsto é um valor real.

Valoriza o seu interior, realça a sua pessoa, e na parte moral dá elegância no trato, finura e distinção.

Muitas raparigas com o gôsto educado tiram da sua pessoa tanto partido, que se julga às vezes que gastam muito dinheiro.

Tal não é, porque na sua maioria as pessoas mais chics não são as mais afortunadas nem as que mais gastam. Em geral o dinheiro nada tem que ver com o gôsto.

Tenho mesmo visto casos de que, em quanto uma rapariga tem poucos meios se vê obrigada pela fôrça das circunstâncias a andar sobria e simplesmente vestida, parece muito melhor do que quando, com mais larguesa, começa a dar largas à sua fantasia vestindo coisas berrantes e caras.

Outro tipo do mau gôsto é querer aparentar mais do que se tem.

Êste género é vulgar, mas não engana ninguém senão o próprio.

Não é vergonha ser pouco afortunada e modesta, pelo contrário!

O que fica mal é saber-se que luxamos e trajamos acima do nosso nível e da nossa bolsa.

Tudo o que sai fora do seu meio próprio sôa mal e faz mau efeito. Hoje a moda e os maus exemplos das estrangeiras, têm feito muito mal às mulheres portuguesas de quási tôdas as classes. Só as raparigas de sólida formação moral têm resistido ao estilo «vamp» e «refugiada».

Não se lembram que imitando essas mulheres de costumes muito diferentes dos nossos, que a guerra nos trouxe e não sabemos quem são, se nivelam com elas.

Neste mundo não se deve só *ser* mas *parecer*.

De pouco serve ser séria e honesta se aparentemente o não formos também.

A rapariga de gôsto educado, é sóbria no vestir. Se tem poucos meios de fortuna, tem cuidado nas côres; escolhe-as discretas para que não cansem. Não anda constelada de jóias, falsas ou verdadeiras. Sabe que uns brincos garridos ficam bem ao rosto e ao conjunto, mas nesse dia abstem-se de pôr o broche e as pulseiras e o colar. Há muito que abandonou a permanente à *carneirinho*. Usa os cabelos bem escovados e cuidados.

É amável com as pessoas de idade, atenciosa com a sua Mãe, e prestável com todos.

Discute a moda, e dela põe o que entende que é próprio para a sua idade, para a sua condição e para o seu tipo.

Nunca se adapta à moda nem a segue de olhos fechados; antes adapta a moda à sua pessoa com descernimento e tacto.

Não anda carregada de pinturas, porque sabe que tudo o que se afasta do natural é feio e ridículo. Veste-se oportunamente para as ocasiões, e se sai com amigas mais modestas, nivela-se com elas na sua simplicidade.

Sabe calar-se a tempo e não entretem os outros com a sua pessoa. Nunca se lhe ouve dizer: «eu digo, eu faço, eu penso, eu gosto, eu quero, eu acho etc.». Sabe escutar os mais velhos e compreender os novos; por isso é querida de todos.

* * *

Em casa, ajuda a Mãe a embelezar o lar. Arranja as flôres e combina bem as côres. Vai decorar as travessas às horas das refeições, de maneira a que fiquem bem apresentadas e apetitosas. Sabe dar o confôrto à casa de estar: a cadeira do Pai ao pé da luz, com uma mesinha perto com o cinzeiro, os livros, os jornais, flores. Na mesa do serão a luz baixa; os livros, os «bibelots», os trabalhos dispostos com gôsto. Dos livros tira partido para decorar e ornamentar. Sabe pôr uma gravura aqui e um quadro acolá. Sabe que os velhos móveis herdados da família têm mais carácter que os modernos, e valoriza-os pondo-os em destaque no sítio que melhor convenha às suas formas antigas.

Harmoniza as côres e os tons dos estofos, das cortinas, das almofadas e das flores com as côres das paredes.

Sabe que o excesso de «naperons» é feio e que um ou dois tornam a casa mais cuidada e elegante.

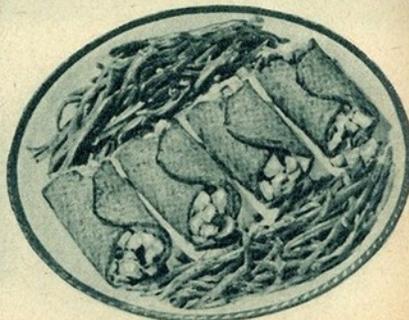
Tem cuidado no arranjo na mesa, porque aí se reúne a família e é agradável aos olhos e ao espírito um conjunto harmonioso.

O seu quarto de rapariga é alegre, simples e modesto.

Tem a arte de tornar agradável a casa, e neste ambiente cuidado e harmonioso, todos se sentem bem.

Os mesmos móveis e as mesmas coisas, poderiam na mesma casa não ter o aspecto confortável e bonito, dispostos de outro modo.

E' o seu *bom gosto* que realiza êsse equilíbrio nas coisas, tirando o melhor partido do que tem. Tôdas nós podemos fazer o mesmo, estudando o nosso ambiente, e depois modificando-o.

MARIA BENEDITA

Bom gôsto na apresentação das travessas

Branca de Gonta Colaço

AINDA se não enxugaram tôdas as lágrimas, ainda não se calaram todos os soluços nem murcharam sequer ainda as rosas e os lilazes que disseram o dolorido adeus da nossa terra em flôr à grande presença de Branca de Gonta...

E porque a eminente poetisa estava muito doente havia já bastante tempo e a não poude portanto conhecer a mocidade feminina dos nossos dias, achamos do nosso dever apontar-lhe o seu exemplo.

Branca de Gonta não foi apenas a alma cheia de bondade e bem querer profundamente tocada da graça de Deus e a artista de raça que à vida soube dar encanto sempre novo pela privilegiada inteligência do seu grande coração.

Foi a mais radiosa figura da sociedade portuguesa na época da última côrte. (Diremos ainda que era deveras tocante a sua devoção à Família Real até mesmo ao fim da sua existência). Foi escritora apaixonada sem abdicar jamais do seu porte senhoril.

A obra que nos legou, terna e elegante, distingue-se sobretudo pela delicadeza do seu lirismo e pela finura subtil do mais alto espirito.

É também entranhadamente patriótica.

Assim pode bem dizer-se que os seus sonetos de amor são os mais enternecedores que até hoje se teem escrito em língua portuguesa pelo tesouro de sinceridade que revelam.

Psicologia sã sem artifícios nem exotismos doentios.

Sempre a mesma alma de bem com Deus que acordou a cantar «*Matinas*» e adormeceu dizendo: «*Bemdita a hora em que nasci!*»

Para que as nossas mais jóvens leitoras avaliem bem o carinho que lhe mereceram as crianças, transcrevemos a seguir os seus versos:

«Alma Infantil»

(Para uma festa a favor da Escola de Nossa Senhora das Mercês)

Alma infantil!... Chão bendito
que os anjos podem lavrar...
Só rezando e de joelhos
se devia semear!

Alma infantil!... Terra virgem...
Lançai-lhe gérmens de amor,
para que reine a bondade
sôbre o riso e sôbre a dor...

Alma infantil!... Flôr de aurora!
Cultiva-a tu, Coração,
fazendo amar ao futuro
os tempos que já lá vão...

Alma infantil... Portugueses
para bem ou para mal,
é nela que se semeia
a sorte de Portugal...

E às mais crescidas deixaremos a deliciosa evocação da *Idade Média:*

I

Imagino, ao sabor dos meus anhelos,
um antigo castelo majestoso:
E tu entrando altivo e poderoso
— como os senhores entram nos castelos...

Mal vês, passando, os aldeões singelos
prestarem-te o seu culto respeitoso
na pressa de ir saüdar um grupo airoso
de princezas de rútilos cabelos...

E noite velha, quando o burgo dorme,
immersa a terra num silêncio enorme,
eu venho sob as altas barbaeãs

dizer-te o meu amor apaixonado
— um grande amor, humilde e deslumbrado
como aos senhores têem as aldeãs...

II

«Eu não sei maravilhas nem lindezas
com que diga a paixão desta alma minha;
sou rude, meu senhor, e pobrezinha,
entre as pobres, humildes camponezas...

Do fausto, da ciência, das grandezas,
nem sonhando esta sorte me avizinha!...
E quando a dor me exalta, ou me amesquinha,
rezo chorando umas obscuras rezas...

Mas diz-me ao coração um vago instinto,
que ante a magia do prazer que eu sinto
se uma palavra terna me dizeis,

nada valem as práticas dos sábios...
E que atingindo o Céu dos vossos lábios
pouco importam as púrpuras dos Reis...

Muito ganhariamos se fôssemos tôdas um pouco discípulas de Branca de Gonta, na simplicidade e no amor a Deus, à Vida e a Portugal.

BERTA LEITE

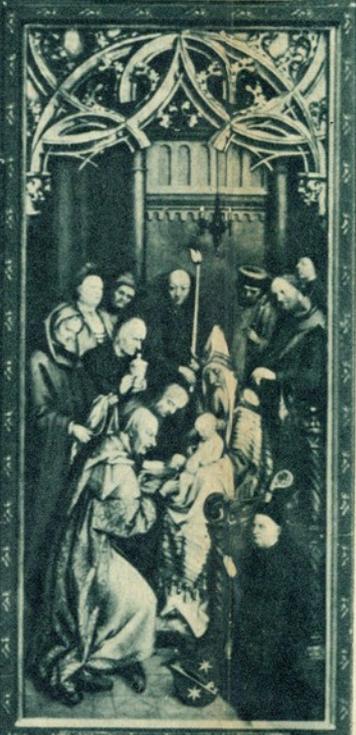
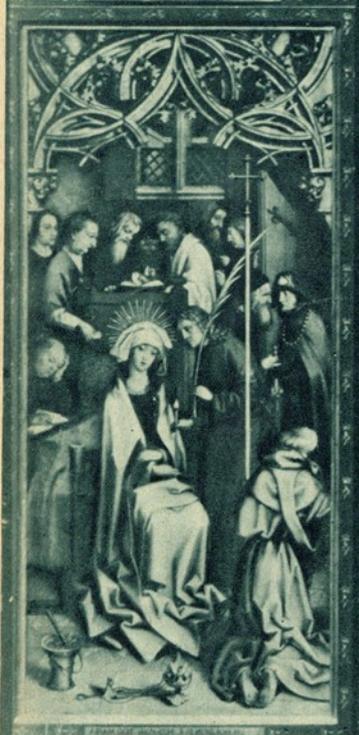
NOTA DE REDACÇÃO

Branca de Gonta Colaço escreveu para a 1.ª festa da M. P. F. realizada no Teatro Nacional, em Dezembro de 1938, uma lindíssima peça em 2 actos e 15 quadros, «Mater Amabilis», cuja lembrança ainda se não apagou naquêles que tiveram o prazer de lhe assistir.

Tôdas as qualidades de espírito e de coração que Berta Leite nos aponta em Branca de Gonta Colaço — beleza moral, ardente patriotismo, devoção pelo lar e a familia — de tudo isto ficou a marca e o esplendor nessa peça escrita para ser representada pelas primeiras filiadas da M. P. F..

Recordando êsses versos dedicados à nossa «Mocidade», lição delicada de bondade e ternura, de fé nacionalista e de virtudes familiares, a M. P. F. presta homenagem à memória da ilustre senhora.

Maria

HANS HOLBEIN
Fotografia cedida pelo Centro Material D. Júlia Moreira

HANS HOLBEIN de A., representou oito passos da vida de Nossa Senhora nos quadros que reproduzimos.

No 1.º, vêmos Maria subir a escada do Templo de Jerusalém, onde como uma pomba se refugiou na sombra de Deus.

Os pais, Ana e Joaquim, ficam ao fundo da escada, enquanto o sacerdote desce para acolher Aquela que é o Templo do Espírito Santo, na plenitude da graça com que o Senhor a dotou.

No Ofício da festa da Apresentação de Nossa Senhora no Templo (21 de Novembro) lêem-se estas palavras de St.º Ambrósio: «Tal foi Maria, que a sua vida é um ensinamento para todos». Êste passo da vida da Virgem Santíssima oferece três virtudes especiais à nossa imitação: a pureza, a fé e a piedade.

No 2.º quadro, o célebre pintor faz-nos contemplar a cena celestial da Anunciação (25 de Março). O Anjo saúda Maria «Avè, cheia de graça» e anuncia-lhe que Deus a escolheu para Mãe do seu Filho único.

Mistério que atemoriza a sua pureza e assusta a sua humildade, mas como o Anjo lhe garante que uma e outra poderão ser guardadas, Maria aceita a palavra do Senhor.

Quem poderá devidamente exaltar a santa e imaculada virgindade de Maria, que trouxe no seu seio Aquêle que os céus não podem conter!

Tendo sabido, pelo Anjo, que sua prima Isabel espera um filho, Nossa Senhora apressa-se a ir visitá-la. É êsse encontro, onde Isabel, inspirada pelo Espírito Santo, proclama Maria «bendita entre tôdas as mulheres e bendito o fruto do seu ventre», e Maria tudo refere a Deus no seu sublime cântico «Magnificat», que vêmos representado no 3.º quadro.

Isabel, humildemente, manifesta a sua admiração porque «a Mãe do Senhor vem até ela»; Maria, mais humilde ainda, estende-lhe os braços...

Oh! a alegria desta visita (2 de Julho) em que o mistério de Deus aproxima duas mães previlegiadas: a Mãe de Jesus e a Mãe de João Baptista.

O nascimento de Jesus (25 de Dezembro) é o 4.º quadro. A Virgem Mãe contempla o seu Menino com ternura e adoração. Recorda o mistério que nela se realizou... No seu seio puríssimo desceu a graça celeste e a raiz de Jessé floriu!

Ei-lo, o seu Deus — o seu Filho! — reclinado sôbre palhas e alimentado com o seu leite: Êle que sustenta até o mais pequeno dos passarinhos!

Ao fundo, vêem-se os Anjos anunciando aos pastores a boa nova... Mas é Maria a figura mais luminosa do quadro, ela de quem «o Rei dos céus se dignou nascer para reconduzir ao reino celeste o homem que dêle se afastara».

Bendita e louvada seja Maria, a Mãe de Deus, por quem nos veiu a salvação!

No 5.º quadro (a Circuncisão de Jesus, 1 de Janeiro), Maria não aparece. O pintor talvez não tivesse tido coragem para lhe fazer assistir ao derramamento das primeiras gotas de sangue do seu Menino...

Cordeiro de Deus que tira os pecados do mundo, começa já tão pequenino o seu sacrifício! Onde está Maria?! Talvez a chorar, escondida!

No 6.º quadro, o regaço de Maria é o trono onde os Reis Magos encontram o Senhor, e, prostrando-se, O adoram (6 de Janeiro).

Olhos baixos, repassando tudo no seu coração, Maria deixa que os Magos, que vieram de tão longe, afaguem e beijem o Menino Jesus.

Ela sabe, como ninguém, quanto lhe é devido!

Gerado antes da aurora no seio do Pai, Êle é a Luz que apareceu no mundo!

E a Mãe bendita alegra-se desta primeira manifestação do filho de Deus aos gentios.

No 7.º quadro, Maria leva Jesus ao Templo (2 de Fevereiro) onde o velho Simeão, movido pelo Espírito Santo, O reconhece como sendo o Messias tão desejado!

A alegria de Simeão, que bendiz ao Senhor por lhe ter concedido a graça de ver o Salvador antes de morrer, é doce ao Coração de Maria. Mas essa alegria tolda-se ao ouvir a sua profecia. Sôbre tôda a sua vida pairará doravante a sombra daquela triste predição, que da Mãe feliz fez a Mãe dolorosa!

O resto da vida de Maria, Hans Holbein passa-a em claro — talvez porque tôda ela foi oculta em Deus — e só nos faz assistir, no 8.º quadro, aos seus últimos momentos (15 de Agosto). Um Anjo apresenta à Virgem fidelíssima a vela que simboliza a fé, e a palma do martírio e da vitória. Um dos Apóstolos mostra-lhe a cruz, sua esperança, como é a nossa!

A morte de Maria não tem aqui nada de lúgubre. Rodeiam-na os Apóstolos, os seus amigos, que ela adoptou por filhos.

Sentada numa cadeira, Nossa Senhora espera a hora da partida... Pensa no seu Filho, e as suas saùdades dão-lhe asas para voar.

Os Anjos veem buscá-la. Fecha os olhos, adormece. Quando os reabre, encontra-se entre as estrêlas.

E não cessa de subir até ao próprio Trono do Altíssimo, onde, Rainha do Céu, fica à direita de seu Filho!

Alegremo-nos com Ela, porque reina com Cristo por tôda a eternidade!

E como Maria, lá no céu, continua a ser nossa Mãe, alegrémo-nos também com a esperança de a irmos ver um dia!

Maria Joana Mendes Leal

NOTÍCIAS DA M. P. F.

1.º — Foram nomeadas Sub-Delegada, Regionais Adjuntas da Mocidade Portuguesa Feminina no Porto, as Senhoras D. Eulália Balacó, D. Hermengarda Guedes, D. Maria Deolinda Tomé, D. Sílvia Leão Sampaio, D. Emília da Conceição Tavares e D. Maria da Glória Pereira de Campos.

2.º — aos Centros N.º 4, 6, 7, 8 e 9 de Póvoa de Varzim foram agregados, respectivamente, os Postos de Ensino de Barreiros, Regufe, Giesteira, Terrôso e Beiriz;

3.º — foi fundado um Centro da M. P. F. na Escola Primária de Estela e nomeada Directora dêste Centro, que terá o N.º 10 em Póvoa de Varzim, a Senhora D. Maria Leonor Almeida de Sousa Magalhães. A êste Centro ficam agregados os Pôsto de Ensino de Navais;

4.º — foi fundado um centro da M. P. F. na Escola Primária de Aguçadoura e nomeada Directora dêste Centro, ao qual foi dado o N.º 11 na Póvoa de Varzim, a Senhora D. Albertina Augusta. A êste Centro ficou agregado o pôsto de Ensino da Aguçadoura;

5.º — foi fundado um Centro, da M. P. F. na Escola Primária de A-ver-o-mar e Amorim e nomeada Directora dêste Centro, ao qual foi dado o N.º 12 na Póvoa de Varzim, a Senhora Ilda Ribeiro. A êste Centro foi agregado o Pôsto de Ensino de Amorim;

6.º — foi fundado um Centro da M. P. F. na Escola Primária de Rates e Balazar e nomeada Directora dêste Centro, ao qual foi dado o N.º 13 na Póvoa de Varzim, a Senhora D. Lucília da Costa Moreira. A êste Centro fica agregado o Pôsto de Ensino de Fontaínhas;

7.º — foi fundado um centro da M. P. F. na Escola Primária de Novais, e nomeada Directora dêste Centro, ao qual foi dado o N.º 14 na Póvoa de Varzim, a Senhora D. Ana de Magalhães Leite;

8.º — foi fundado um Centro da M. P. F. na Escola Primária de Fajozes e nomeada Directora dêste Centro, ao qual foi dado o N.º 6 em Vila do Conde, a Senhora D. Isabel Maria Casal Pelayo;

9.º — Foi fundado um Centro da M. P. F. na Escola Primária n.º 54 e nomeada Directora de êste Centro, ao qual foi dado o n.º 84, em Lisboa, a Senhora D. Amélia Augusta Maia Ferreira;

10.º — em substituïção da Senhora D. Eulália da Conceição Freitas que foi colocada como Professora em Cabo Verde, foi nomeada Directora do Centro n.º 1 no Funchal a Senhora D. Helena Pires de Lima;

11.º — Foi nomeada Sub-Delegada Regional em Vila Real, a Senhora D. Maria Amélia dos Santos Carvalho Lima, cuja morada é: Estação dos Caminhos de Ferro, Vila Real;

12.º — foi fundado um centro da Mocidade Portuguesa Feminina na Escola de Castelo de Neiva e nomeada Directora de êste mesmo Centro, que terá o n.º 5 em Viana do Castelo, a Senhora D. Maria Helena Pinho;

13.º — em substituïção da Senhora D. Isaura Franco Coelho Ventura, foi nomeada Sub-Delegada Regional Adjunta em Monchique a da Senhora D. Maria de Lourdes Pinto Simões de Mascarenhas.

14.º — a seu pedido, foi demitida do seu cargo — Delegada Provincial da Mocidade Portuguesa no Minho, — a Senhora D. Maria Urbana da Cunha Matos;

15.º — a Delegacia da M. P. F. em Trás-os-Montes e Alto Douro, passou a funcionar na nova residência da Delegada — Largo do Souto, Pêso da Régua;

16.º — foi nomeada Sub-Delegada Regional Adjunta, em Santarém, a Senhora D. Maria Delfina dos Prazeres Loureiro Amaral;

17.º — em substituïção da Senhora D. Maria Delfina dos Prazeres Loureiro do Amaral, foi nomeada Directora do Centro n.º 1, em Santarém, a Senhora D. Maria de Lourdes Avenal;

18.º — em substituïção da Senhora D. Georgina Ribeiro, foi nomeada Directora do Centro n.º 32, em Lisboa, a Senhora D. Laura Estêves;

19.º — em substituïção da Senhora D. Inácia Augusta Gravata Martins, foi nomeada Directora do Centro n.º 63, em Lisboa, a Senhora D. Maria José Leitão Semana;

20.º — por se ter consorciado e ter deixado de residir em Silves, pediu a demissão de Sub-Delegada Regional nessa cidade, a Senhora D. Maria de Lourdes Pinto Simões. Provisòriamente fica a substituí-la a Senhora D. Maria Inácia Silva Estevão, Directora do Centro n.º 1 em Silves.

COIMBRA — Bênção da bandeira pelo senhor Bispo Conde

Coimbra

A BENÇÃO DA BANDEIRA DO CENTRO N.º 17 DO LICEU NACIONAL DE D. JOÃO III — O entusiasmo das filiadas do nosso centro aumenta dia a dia, num desejo de bem cumprirem o dever de cada instante, para uma maior aproximação dêsse ideal muito alto a que cada uma aspira. Parece que o lindo sol primaveril veio aquecer muitas almas, e o acordar da natureza despertou muitos corações, numa ância crescente de mais e melhor...

....

... Manhã linda, suave, tépida, do dia 10 de Março!

De todos os lados, bandos alegres, chilreantes, de filiadas do nosso centro... Sim, são elas, as nossas filiadas como bandos de passarinhos, adejando muito alto, tocando, mesmo, o lindo céu azul...

A caminho de Santo António dos Olivais!... Há festa! É a bênção da Bandeira do Centro por sua Excelência Reverendíssima, o Senhor Bispo Conde.

Há festa!... Uma linda e impressionante festa que ficará gravada no coração de todas.

A Missa, maravilhosamente cantada por um grupo de filiadas, acompanhadas de magnífica orquestra, tem qualquer coisa de sublime que se sente no recolhimento... no ajoelhar de cada alma...

A' Elevação, o silêncio que se segue ao toque dos clarinetes, é profundamente emocionante...

Todas as filiadas Comungam com verdadeiro fervor. E... aquela morena pequenina, a Dulce Helena, que ajoelha ao lado da Directora do Centro, recebe, pela primeira vez, o doce Jesus...

...Corações no Alto, almas ansiosas, palpitantes, as nossas filiadas assistem, comovidas, à cerimónia final da bênção da Bandeira.

Termina a primeira parte da festa. Sòmente a primeira parte, porque a festa continua no Liceu.

Na Cantina do Liceu, está primorosamente servido o pequeno almôço... Pelas mesas, botões de rosa delicados, lindíssimos... Uma atmosfera perfumada... Uma alegria esfusiante... Um ambiente carinhoso...

Na alma de cada uma, vibra um grande Ideal — Ser verdadeiramente cristã, ser verdadeiramente uma Mulher Portuguesa!

Maria Juliana de Morais Barrôso

(Do Curso de Dirigentes)

Coimbra

NA SUB-DELEGACIA DE COIMBRA REALIZARAM-SE AS SEGUINTES «EMBAIXADAS DA BONDADE E DA ALEGRIA»: — Em 17 de Dezembro — Centro n.º 15 — Colégio da Rainha Santa Isabel. Enfermaria das crianças do Hospital Universitário.

PROGRAMA:

Presépio; Cânticos e distribuïção de bôlos e brinquedos.

— Em 14 de Janeiro — Centro n.º 1 — Liceu Infanta D. Maria — Asilo dos velhos

PROGRAMA:

Palavras de abertura..	por uma filiada
«Vira».....................	Dança minhota
«Rosinha do meio»....	Dança minhota
Poesia....................	por uma filiada
«Dança do Gustavo»...	Dança suéca

COIMBRA — Depois da bênção da bandeira: o almôço

«Tia Anica do Loulé»..	Dança Algarvia
«Verde Gaio»...........	Dança ribatejana
Canções populares.....	por uma filiada
«Rosas».................	peça da autoria de Virginia Gersão — por um grupo de filiadas.

— Em 31 de Janeiro — Centro n.º 12 — Colégio de S. José — Bairro das Latas.

PROGRAMA:

Uma sessão de cinema, oferecido às crianças do Bairro. Distribuïção de vestuário a 70 crianças, e jantar a 120.

Fizeram-se, além disto, 4 baptisados sendo as filiadas madrinhas das crianças.

NOTA — Realizou-se também uma «Embaixada» do Centro n.º 17 ao Asilo da Infância Desvalida, cuja notícia já veio publicada no Boletim.

serão, trages variados e danças populares. «Boas noites» uma peça de correrias infantis. «Nem tanto ao mar nem tanto à terra» um diálogo. O quadro final, um côro de gente do povo da Galileia em que Jesus aparece cantando e abençoando as crianças, chamamos-lhe «A formosa Galileia» Nos intervalos vários recitativos e algumas pequenas tocaram piano e violino. O salão é muito bom e tem palco. No fim fomos ao refeitório onde os vèlhinhos se juntaram, e às camaratas aos doentes, levar a cada um 250 gr. de figos sêcos, um maço de cigarros aos homens, maçã e laranjas; às mulheres duas maçãs e duas laranjas. As pequenas estavam contentíssimas e os vèlhinhos também.

Viana do Castelo

A «EMBAIXADA DA ALEGRIA E DA BONDADE» REALIZADA NESTA CIDADE começou com uma peçasinha «Brincos de oiro», com uma idéia moral e passada numa escola. Em seguida «Vareiras», um côro com bailados, que deu bom efeito. Depois a «história da Caróchinha» representada, aparecendo o cão e o gato e caindo o João Ratão numa grande panela, que foi cómico. «O sono de Nossa Senhora» que foi o melhor, pois deu um efeito lindo, com bons versos a descrever. «Minhotas» num quadro regional com

Vila Real

REALIZOU-SE UMA «EMBAIXADA DA ALEGRIA E DA BONDADE NO «ASILO DE NOSSA SENHORA DAS DORES», PELAS FILIADAS DO CENTRO N.º 3 (COLÉGIO DE S. JOSÉ. — As entidades eclesiásticas, oficiais, militares, organizações e muitas pessoas em destaque nesta cidade que tinham sido convidadas, foram recebidas à entrada por dois legionários e conduzidas ao salão, artisticamente engalanado por filiadas do mesmo Centro.

No salão foram recebidos pela Dig.ma Sub-Delegada Regional que indicou os lugares pela ordem seguinte: Junto do palco, os vèlhinhos a quem foi dedicada a festa, a seguir Sua Ex.a Reverendíssima, Ex.mos Governador Civil, Presidente da Câmara, Reitor do Liceu, Comandante do Regimento, Director Escolar, Delegado e Sub-Delegado da Mocidade Masculina e representantes das diferentes organizações da A. Católica Masculina e Feminina, Conferência de S. Vicente de Paulo, professores do Ensino Secundário e Primário, etc..

Póvoa de Varzim

Nas passadas férias do Carnaval realizou-se uma récita organizada pelas filiadas desta Ala, pertencentes aos Centros primários, ao Centro n.º 1 (Liceu Eça de Queiroz) e ao Centro n.º 3 (Escola Comercial Rocha Peixoto), que mereceu o agrado geral de todas as pessoas que à mesma assistiram.

O programa foi constituido da seguinte maneira:

«Ambições infantis — comédia:

«Nem oito, nem oitenta» — comédia publicada na revista da M. P. F.;

Bailados;

Canções, entre as quais: «A canção da Margarida» e «O Senhor da Pedra».

O seu produto foi de 800$00, ficando livres de despesas 500$00, que destino ao passeio das filiadas.

A Sub-Delegada Regional,

a) Maria Helena de Buorbon e Couto

VILA REAL — Embaixada da Bondade e da Alegria

POVOA DE VARZIM — Um dos números da récita

POVOA DE VARZIM — Filiadas que tomaram parte nos bailados

— O programa da festa foi o seguinte:

1.º — Mocidade Lusitana — pelas Filiadas.

2.º — O significado desta festa — pela Ex.ma Sub-Delegada Regional.

3.º — Pobrezinhos — de Guerra Junqueiro, pela filiada Adelaide Pires.

4.º — Nem 8... nem 80... — comédia por um grupo de filiadas.

5.º — Mocidade em Flôr — poesia pela filiada Odete Ponte.

6.º — Bailados Regionais — por um grupo de filiadas.

7.º — Subir — poesia pela filiada Maria Luisa Serafim Barros.

8.º — Gimnástica — por um grupo de filiadas.

9. — Agradecimento — pela filiada Cândida Melo Guerra.

10 — Distribuïção de tabacos e doces aos vèlhinhos.

A récita foi muito bem desempenhada, tendo merecido os elogios da numerosa assistência, que dirigiu os mais entusiásticos parabéns às Dig.ma Sub-Delegada Regional e Directora do Centro, organizadoras de tão simpática festa, pelo seu alto significado.

A Dig.ma Sub-Delegada foi muitíssimo ovacionada pela sua Conferência, que causou justa admiração, por tão inteligentemente interpretar o elevado alcance para que foi organizada a Mocidade Feminina, da qual se espera a Renovação da Familia Portuguesa.

Terminou esta encantadora Festa pela distribuïção de tabaco e doces aos vèlhinhos, em cuja fisionomias se reflectia a comoção e o contentamento que lhes causou a festa que perdurará na memória de quantos a ela assistiram.

A Sub-Delegada Regional Adjunta

a) Maria da Luz Saraiva

Silencio.........

PELA segunda vez na história da nossa geração, tocaram os clarins a cessar fôgo nas terras revoltas da Europa. Reacenderam-se as luzes ainda trémulas nas moradas arruinadas dos homens e os sinos, durante tanto tempo mudos, tangeram nos campanários meio desfeitos. O ruído da batalha cessou e veio o silêncio cobrir com o seu manto a terra dolorosa do nosso continente. Assim mais uma vez a juventude mais radiosa da Europa e os que vieram entusiastas e jóvens de àlém mar regaram com o seu sangue êstes campos já tão acostumados através a história a êstes sangrentos sacrifícios. E agora o silêncio...

Qual a ceara que vai nascer, depois de tanto suor, sangue e lágrimas?

Irmanados na morte, alinham-se as cruzes nos cemitérios num apelo mudo e comovedor. Como na penúltima guerra voltará o mundo as costas a êsses heróis de todos os povos para se entregar loucamente ao delírio dos seus triunfos materiais? Dos túmulos ainda abertos, nos horrores que ainda clamam vingança, irá sair o ódio, a desordem e a anárquia? Serão os vencedores duros mas justos? Serão os pequenos esmagados pela fôrça bruta dos grandes? Por enquanto silêncio...

Pergunta-se se afinal a razão destas espantosas tragédias não reside no coração de cada um de nós. Desde os tempos do Império romano, que longe vão, a Europa perdeu a noção da sua unidade e da sua alta missão civilizadora. No riso e no sarcasmo impios esqueceu as suas cruzadas sob o signo de Cristo. As náus inúteis apodreceram nos portos e perderam-se as rotas entusiastas do passado.

Ao passo que as descobertas científicas aproximavam e uniam os homens, os seus espíritos cada vez se seapravam mais, como outrora na orgulhosa Babel. Agora os escombros e o silêncio...

No espírito e no coração dos homens está a salvação, se a Europa quizer voltar ao seu antigo destino.

Esta guerra dará às mulheres novas possibilidades na vida política e económica. Se souber com dignidade medir as suas novas responsabilidades, poderá ajudar a moldar o mundo de àmanhã à sua imagem feita de suavidade e doçura. Por enquanto silêncio... está a nascer a paz...

P. G.

A LINGUAGEM DAS FLORES

Os nossos bisavós viveram na época romântica, e romanticamente usaram muitas vezes as flôres para interpretar e defenir em linguagem figurada os seus sentimentos e desejos.

Por êsses tempos era moda fazer erbárias, secar ervas, flôres e fôlhas nos livros que depois se emprestavam, intencionalmente, é claro.

Esta leitura das flores, muito mais delicada e complicada que o alfabeto vulgar, é dificílima e requer um estudo prolongado das plantas e da sua história, além de bôa memória.

Madame Charlotte de la Tour escreveu um livro de muito sucesso que traduz bem o espírito romântico da época.

Parece-me engraçado transcrever, para as raparigas de hoje, algumas linhas dêste encantador volume.

Quando souberem um pouco da complicada linguagem das flôres acharão graça. No nosso tempo, pouco caso se faz da natúreza e não há tempo para observar as plantas, mas as nossas avôzinhas de saias de balão repartiam as horas do seu dia entre as lindas rendas e tapeçarias, a poesia, a contemplação da natureza e o sonho!...

* * *

A primeira coisa a saber é que a flôr apresentada direita exprime um pensamento, basta virá-la ao contrário para lhe fazer dizer a coisa oposta. Assim um botão de rosa com seus espinhos e fôlhas quer dizer: — Temo, mas espero. Voltado para baixo: — Não esperes nem temas. Mas, mais sentimentos se podem traduzir com uma flor.

Tomemos de novo o botão de rosa que já nos serviu de exemplo: sem espinhos quer dizer: — Podes ter esperanças. Sem fôlhas quer dizer: — Tens tudo a temer.

Erva da relva = utilidade
Flôr do castanheiro da India = luxo
Lilaz = primeira emoção de amor
Flôr da amendoeira = cabeça leve
Tulipa = declaração de amor
Glicinia=a tua amizade é-me dôce e agradável
Urze = Solidão
Narciso — egoismo
Flôr do morangueiro = bondade perfeita
Rosa musgo = amor
Uma rosa vermelha e uma branca = pena de amor
Jasmim = amabilidade
Cravo sevilhano = amor vivo e puro
Lírio = pureza e majestade. O lirio é considerado o rei das plantas, assim como a rosa é a rainha das flôres
Trigo = riqueza
Tilia = representa o amor conjugal porque nela tudo é bom: madeira, sombra, forma elegante da arvore, aroma, côr, e por último as flôres de que se faz belo chá calmante.

M. B.

PENSAMENTOS • MÁXIMAS • PROVÉRBIOS

O amor é a chave mestra da vida. Valoriza tôdas as coisas. O talento é frio e duro sem o amor. A sabedoria é deficiente sem êle. Uma vida sem amor será forçosamente sórdida e egoista.

(Emerson)

Muitas pessoas são repulsivas e antipáticas, porque estão sempre encerradas na concha da sua personalidade, absorvidas nas suas preocupações e inquietações. Têem vivido tanto tempo para si mesmas que perderam tôda a relação com o mundo exterior.

(O. S. Marden)

Não cobiçar riquezas equivale a ser rico.

(Cicero)

Passeava certo dia o marquez de Harcourt em companhia de Voltaire, quando por êles passou um sujeito que, descobrindo-se respeitosamente, cumprimentou o marquez, que correspondeu à saudação. Voltaire, que conhecia muito bem a pessoa que havia cortejado, disse ao marquez: — Porque é que V. Ex.ª se dá ao incómodo de prestar atenção a êsse grandíssimo velhaco? — Que me importa? — respondeu o marquez. — Então eu hei-de consentir que um velhaco me suplante em cavalheirismo?!

Quem está livre da paixão de adquirir, possue uma renda vitalicia.

(Cicero)

As responsabilidades fazem crescer algumas pessoas, e apenas inchar outras.

(Hubbell)

Se chegares ao perfeito desprêzo de ti mesmo, sabe que então gozarás da maior paz que podes receber nêste mundo.

PARA LER AO SERÃO

por MARIA PAULA DE AZEVEDO

DESENHOS DE GUIDA OTTOLINI

MARIA RITA SOLTEIRA

CAP. XII

Casamos dentro de oito dias. E à hora de deitar, depois de ternas confidências com a Mãe querida, eu pregunto a mim mesma: saberei eu ser a companheira que o António precisa para a sua vida de trabalho?

Saberei eu adaptar-me a um viver longe de Portugal, dos Pais, do meio em que tenho vivido?

Saberei eu ajudar o meu marido, alegrá-lo, fazê-lo feliz?

A Mãe, docemente, aconselha-me:

— Pensa mais nêle do que em ti, filhinha; a nós, mulheres, compete mais dar-lhes a felicidade do que recebê-la, Maria Rita.

— Como é isso, Mãe? — preguntei, admirada.

A Mãe sorriu.

— Bem vês tu, meu amor, que a felicidade não tem a mesma forma para êles e para nós; nós somos felizes, sobretudo, pelo que lhes damos a êles...

— Não entendo bem... — murmurei, pensativa.

— Um dia compreenderás melhor, Maria Rita.

— Gosto tanto do António, Mãe — tornei eu — que me parece ser fácil, facílimo, evidente, torná-lo feliz.

A Mãe beijou-me e disse, quási com gravidade, antes de me deixar sòzinha:

— Repito o meu conselho, Mirri: pensa sempre nêle antes de pensares em ti, e verás que tudo se tornará simples na vida dos dois.

Fiquei a pensar nas palavras da querida Mãe.

E convenci-me que: adorando o meu marido, cumprindo alegremente todos os meus deveres (mesmo os mais aborrecidos), tendo, como espero, um rancho de filhos sãos, mantendo a nossa casa sempre confortável, risonha, ordenada, é quási impossível... não sermos felizes!

. . . .

Ontém, ao jantar, o Manuel fez uma declaração importante e solene: quere casar com a Lixa! Adora-a!

A Luizinha observou inesperadamente com ar malicioso:

— Para mim não é novidade nenhuma: há bom tempo que eu descobri que vocês dois se entendiam lindamente!

A Mãe beijou o Manuel com ternura e disse:

— A Lixa tem muitas qualidade; acho que escolheste bem, Manuel.

— Tudo isso é formidável, é; mas o nosso bloco é que fica reduzido a uma pedrinha da calçada! — disse o Xana, desconsolado.

— Nada disso — meteu o Nuno, que se está tornando um lindo rapaz, cheio de vivacidade e alegria — o bloco é que está maior, Xana! Já se lhe junta a Juca, o António e a Lixa!

— Bravo, Nuno: você disse uma grande verdade — respondeu o Pae, a sério.

Mas a verdade, afinal, é relativa... Visto que o Gonçalo e a Juca não vivem aqui, o António e eu partimos para bem longe, e o Manuel e a Lixa vão decerto para fora de Lisboa.

Deixá-lo: o bloco, reünido ou separado, é sempre uma familia como a nossa: unida, mais do que nunca, e cheia de alegres propósitos de felicidade.

E é com esta declaração que fecho e termino o meu querido Diario; pois que para sempre termina também... a vida despreocupada de Maria Rita, Solteira!

FIM

Correspondência com as Filiadas

Querida amiguinha

Maria Teresa Guerreiro Bravo

Apreciei o mais possivel a sua carta tão cheia de sinceridade e de simpatia. Pelos meus escritos devem as raparigas da Mocidade ter já sentido quanto eu gosto da simplicidade, *da* naturalidade, *da* expontaneidade... *São qualidades que me parecem* dever *fazer parte do modo ser das raparigas novas; em contraposição com o artificio e a afectação, que são sempre detestáveis.*

Sim, Maria Teresa, é normal que goste de se divertir, de ser alegre, de passeiar, de dançar, de gozar — logo que proceda sempre, em todas *as ocasiões, de maneira a não ter de còrar diante de ninguém, com a* dignidade *própria da rapariga cristã. O caminho do dever é sempre belo, é sempre risonho, é sempre o único que nos traz a Felicidade!*

Quanto a leituras, é assunto vasto que muito me interessa; e agradeço-lhe a idéia de me pedir alguns conselhos. Desde já, lembro os belos livros de Rebelo da Silva (Contos e Lendas, a Casa dos Fantasmas), o maravilhoso Ivanhoe *de Walter Scott (com boa tradução portuguesa), as* Viagens na minha terra *de Garrett, os esplêndidos romances de Herculano. E, sem querer insistir em obras pessoais, pregunto-lhe, para terminar a carta de hoje, se acaso não leu as* Quatro Raparigas, *e os três volumes que se seguem? E as* Alvoradas, *a* Terra Portuguesa, A Prima da América? *Creio que lhe hão-de agradar; e caso os leia faça a sua critica franca e desassombrada, peço-lhe.*

Olhe que lhe acho tôda e completa razão em dizer que as matemáticas *e a* ciência *não são incompativeis com a «boa dona de casa»: é evidente que não. E o ideal será que a rapariga perfeitamente educada saiba, e possa, juntar a uma ciência* sólida *uma educação prática para a vida do lar.*

E por hoje... nada mais, querida Amiguinha,

Maria Paula de Azevedo

N. B. — Recebi uma encantadora carta da Filiada Maria de Lourdes Gomes Rosa; no próximo número lhe responderei com grande prazer.

CHÁ DA COSTURA

Quando penso que hoje a *menina do dia* és tu, Clara! — gritou Joana, excitada. — Tu! A Abelha-mestra! A Sisuda! O Chavão!

— Não digas mais, Joana, senão môrro sufocada! — disse Clara, a rir.

— O que apresenta a *menina do dia*? — preguntou Maria José, curiosa.

Clara ficou pensativa...

— Lembro o seguinte — disse de repente — Cada uma de nós está um quarto de hora calada (a trabalhar, é claro) e ao fim dêsse tempo, cada uma diz qual foi, segundo a sua opinião pessoal, o acontecimento que maior importância teve no mundo.

Ergueram-se vozes desencontradas e gritantes; ninguém se entendia!

— Mas que idéia, Clara!

— Sempre coisas complicadas, afinal!

— Acontecimentos no mundo!

— Eu não sei nenhum...

— E' coisa em que nunca se pensa.

— E no fundo... é uma espiga, é o que é.

Clara bateu as palmas, e todas se calaram, meio amuadas.

— Toca a trabalhar, ricas, e, daqui a 15 bons minutos... quem quiser é que fala, quem não quiser, cala-se.

Durante aquêle quarto de hora ouvia-se, apenas, o zumbido duma impertinente môsca. E as agulhas não paravam de trabalhar. Alice, que olhava para o seu relógio de pulso, gritou:

— O meu nome começa por A, peço a palavra.

— Gabo-te o gôsto — resmungou Joana.

— A meu ver, Clara, o maior acontecimento que houve no mundo, o maior, sem sequer se poder comparar com nenhum outro, foi o Nascimento de Jesus.

— Bravo, Alice, falaste lindamente.

— Eu não concordo — disse Maria José. — Para mim, o maior de todos os acontecimentos, foi a Morte de Nosso Senhor sôbre a Cruz.

— Pois minhas meninas — cortou Rita — ainda mais se me afigura, a Ressurreição de Cristo em dia de Páscoa!

— Queridas — observou Clara — creio que podemos tirar uma simples conclusão das vossas opiniões, que todas me pareceram inteligentes, profundas, e que podemos reduzir a uma só. É que, de todos os acontecimentos que houve no mundo, o maior... não pode ter deixado de ser: o *Cristianismo*!

— Afinal a tua idèia foi interessante, Clara — murmurou Joana, meditabunda.

MARIA VAI CASAR

— Estás cismática, Maria? — preguntou Marta, levantando os olhos do seu «tricot». Maria, respondeu:

— Pois estou, sim; mas o que me faz cismar é um assunto muito prosaico, a falar a verdade.

E' que, como já falta pouco para o grande dia (aqui Maria sorriu, enternecida) — tenho que decidir entre duas boas raparigas para me servirem, e não sei, de todo, qual delas escolher!

Martha riu com gôsto.

— Oh filha, a fome deu em fartura, afinal. Pesa bem as qualidades duma e doutra...

— Isso mesmo é que me faz cismar, Marta. Uma delas, a Mabilia, é filha da nossa lavadeira, gente boa e religiosa; sã como um pêro, simples, asseiada...

— Ótimas qualidades, essas — disse Martha.

— E uma cara bolachuda e còrada que inspira simpatia, mas...

— Há um mas?...

— E não é para despresar, infelizmente. Não faz idèia nenhuma do que seja o serviço (e todo o serviço, repara bem) duma casa de gente fina... Portanto, terei eu, (em plena lua de mel, não vês?) de a ensinar, de a treinar...

— E a tal outra? — tornou Martha.

— A outra é a Gracinda, que sai de casa da viscondessa, por ter mau génio com as companheiras. Mas é fiel, educada, e com uma destas «linhas»... — Maria, interrompeu-se e ficou pensativa.

Depois, continuou:

— Os meus lindos aventais de organdi vão brilhar deveras na Gracinda, enquanto que na barriguda Mabília...

Martha, riu e observou.

— E essa Gracinda, tão «chic», sujeita-se a fazer o serviço *todo* da tua casa? E sabes o que é a sua moralidade, o seu porte, a sua familia?

Maria encolheu os ombros.

— Oh Martha, lá estás tu a aplicar às criadas um autêntico diploma de bom comportamento! É claro que não tomo ninguém sem informações, e a viscondessa limitou-se a dizer o principal: a rapariga é fiel, limpa, trabalhadeira, e sabe do seu oficio. Nada mais sei dela, nem consigo saber.

— Então, Maria, não basta — disse Martha, com gravidade — É muito sério, acredita, êsse capitulo da vida doméstica para a nossa felicidade conjugal...

— Oh Martha! — exclamou Maria, indignada.

— Não te indignes, minha filha, é assim. E creio que ficarás mais bem servida com a filha da lavadeira, embora seja uma ignorante (caso tenha jeito, é evidente). E sabes o que eu faria no teu lugar, Martha? Mandava-a vir umas duas ou três vezes por semana cá a casa; ia-a treinando a pouco e pouco, dando-lhe as noções da delicadeza, no falar, na apresentação...

— Ela o que tem é boa vontade, coitadita — observou Maria.

— Nesse caso, é meio caminho andado.

— Mas olha que a Gracinda...

— Deve ser uma serigaita, muito batida já, que até sentenças iria dar-te, podes crer. E para acabar com o assunto criadal...

— Que tu achas quási... conjugal! — interrompeu Maria, a rir.

— Exige sempre uma *moralidade* absoluta em tua casa — tornou Martha.

— Talvez me decida pela simpática «lôrpa», em lugar da elegante «serigaita» — disse Maria, pensativa.

— E isso mesmo é que eu faria, sem hesitar — concluiu Martha.

Nossa Senhora da Paz

JOGOS FLORAIS

Classificação:
Menção Honrosa

Nossa Senhora da Paz

Senhora de todo o mundo,
Rainha do Céu profundo,
Mãe do nosso Redemptor,
Volvei os olhos depressa
Que o vosso olhar é promessa
Da paz de Nosso Senhor.

Vêde, ó Mãe, êste brazeiro
Que consome o mundo inteiro
Num sacrilégio infernal.
Mandai ao Vosso Menino
Que perdôe o desatino
E que salve Portugal!

Ó minha Mãe, Mãe das Dôres!
Dôce Mãe dos pecadores!
Metei os homens no trilho;
Não consintais, Mãe querida,
Que seja maior a ferida
Do meu Jesus, Vosso filho!

Enxugai o nosso pranto
E salvai o Padre Santo
Da sanha do Oriente.
Que jàmais haja obstáculo,
Que fora do Tabernáculo
Jesus reine eternamente!...

«MINIBELA»

COLABORAÇÃO DAS FILIADAS

NUM ALFARRABISTA...

A odisseia dos livros

— Valha me Deus, não nos deixam em paz um momento; até mesmo de noite, êsse velho tonto não cessa de nos maçar — disse um gordo e sebento livro que continha a obra completa de Gil Vicente.

— E' verdade, quando terá fim o nosso tormento? — ouviu-se duma prateleira abaixo daquela, numa voz cansada e triste. Foi um livro descritivo da vida de Edison, forrado com papel de embrulhos com variadíssimas nódoas de gordura, que respondeu ao comentário do nosso Mestre Gil.

De facto, era já bastante tarde e ainda o velho alfarrabista, com os óculos na testa, de guarda pó cinzento às riscas, procurava um livro pedido por um freguês retardatário. Então, com a pressa de se despachar, pois o jantar estava pronto e o estômago já o reclamava, o velho desviava uns livros, empurrava outros, enervado por não encontrar o que desejava. Nem reparava que muitos dêles, com um encontrão mais forte, se podiam desfazer, pois a maioria estava em mísero estado.

Mal êle saiu, apressado, com o desejado livro na mão, e apagou a frequíssima luz, surgiram as recriminações. Cada um maldizia a sua sorte, e a conversa entre Mestre Gil e o livro da vida de Edison era interessante:

— A minha vida sempre foi muito triste — disse êste último. — Calcula que depois de passar pelos tormentos da tipografia em que me punham máquinas enormes e pesadíssimas em cima, fui para a montra de uma livraria insignificante e bastante suja. A minha capa era pouco sugestiva: amarelo claro com uns desenhos muito complicados: fios, instrumentos recurvados, etc., e umas letras muito pouco airosas. Estive ali meses, anos talvez, e ninguém me dava importância. Os rapazes e raparigas quando passavam, olhavam para mim desdenhosamente e franziam o nariz.

Ao fim de muito tempo, quando já me sentia bastante velho e estava todo desbotado pelo sol, foram tirar-me de lá. Todo eu me contorci, aflito por ter estado tanto tempo na imobilidade, e finalmente embrulharam-me num papel e ataram-me com um fio que quási me estrangulava. Entregaram-me a um senhor magrinho, de óculos e quási careca que eu depois soube ser professor num colégiozito dos arredores da cidade. Depois de me ter lido várias vezes, dobrado os cantos das fôlhas para marcar onde ia e muitas mais torturas, o tal senhor magrinho emprestou-me a um sobrinho, rapaz aí de uns 16 anos. A leitura para êle era fastidiosa, e muitas vezes me atirava sem piedade para cima de uma cadeira ou me deixava aberto, pondo-me muitas outras coisas em cima. A casa do rapaz não tinha luz eléctrica e êle à noite deitava-se, e então resolvia ler mais um bocadinho. Mas o sono chegava-lhe depressa e para não ter de se erguer para apagar a vela, atirava-me para cima dela para que eu a apagasse. Assim fui criando pequenas rodas de cêra que tapavam muitas palavras. Um dia o meu primeiro possuidor morreu, e o rapaz farto de mim resolveu vir vender-me a êste alfarrabista. Êste aceitou-me imediatamente, pagou por mim uns pouquíssimos tostões, e daí para cá tenho vivido tão torturado como dantes. Apesar de ter tido poucos possuidores, é bem triste a minha vida e para cúmulo nem de noite nos deixam descansar.

— Tens razão, mas olha que a minha história também não é mais alegre. A diferença que existe é que eu não me ralo com coisa nenhuma.

MARIA CLOTILDE NETTO BLASQUES

Centro n.º 1 — Filiada n.º 31437 — FARO

HISTÓRIAS DA MINHA AVÓ

(Continuação da Pág. 5)

de mala-posta tivesse tido vários incidentes, como uma terrível trovoada com enxurrada que fazia chegar a água à barriga dos cavalos, para ela, habituada às viagens, foi mais um incidente que tornou interessante a sua viagem de núpcias; tanto mais que lhe revelou a coragem e desembaraço do marido, o que para uma argentina habituada à vida da estância que impõe desembaraço, tinha a maior importância para que admirasse o homem a quem ligara a sua vida.

Há quem diga que para uma mulher amar verdadeiramente um homem precisa de o admirar.

De volta a Dolores tudo corria bem e a casa encheu-se de alegria um ano depois com o nascimento do primeiro filho, linda e perfeita criança.

No fim de sete anos de casada minha avó tinha quatro filhos, três rapazes e uma menina, a terceira, que se não era tão linda como os irmãos, era muito graciosa e extremamente inteligente.

Por essa época morreu sua avó com a linda idade de 107 anos, tendo saúde até então, apenas a cabeça desanrrajada a fazia imaginar muito jovem, indignando-se quando lhe chamavam avó e ralhando sempre com a sua criada particular «a rapariga», como ela lhe chamava — apesar da pobre mulher ter já oitenta e seis anos — porque não a penteava com a garridice que via às meninas. Extinguiu-se suavemente, deixando uma dôce recordação. Um ano mais tarde a família aumentou com a chegada a casa de uma sobrinha de minha avó, Natália, uma pequenita de oito anos. Morreu seu pai, que era o irmão mais velho de minha avó, e sua mãe, dois meses depois, morreu também.

E essa criança tornou-se filha da casa em poucos anos o braço direito de minha avó, e assim decorria feliz e tranqüila a vida, a felicidade sorria naquele lar e minha avó dizia às suas amigas:

— Afinal quando se casa com um estranjeiro que ama o nosso país, é como se casássemos com um argentino e podemos fazer sempre a vida no nosso país.

Mas quando menos se pensa Deus muda o destino, e quando julgamos ter fixado a nossa vida e que ela seguirá sempre como desejaríamos, as coisas modificam-se e a modificação é tão completa que atinge quási aos nossos olhos o aspecto de uma catástrofe; foi o que sucedeu a minha avó, no fim de dez anos de casada.

Deus enviou-lhe uma cruz que despedaçaria a sua alma e a arrancaria do seu país.

(Continua)

M A R I A D'E Ç A